

REVISITANDO A HISTÓRIA: DUAS LEITURAS DE *LA RETRAITE DE LAGUNA*

Norma Wimmer
UNESP/IBILCE-São José do Rio Preto-SP

Um dos mais importantes marcos da história brasileira do século XIX foi a Guerra contra o Paraguai. Iniciada em 1864, esta perdurou até 1870, afetando a política do Império e a própria estabilidade do governo monárquico. O conflito envolveu milhares de brasileiros, militares e “voluntários da pátria”, entre eles, Alfredo d’Escagnolle Taunay.

Organizadas em duas frentes, a oriental, no Mato Grosso e a ocidental, nas regiões fronteiriças do Rio grande do Sul, as operações militares tiveram o objetivo de aniquilar os exércitos de Solano Lopes e o próprio Paraguai.

Taunay foi convocado em 1865, na qualidade de engenheiro militar, a integrar o corpo expedicionário designado a invadir o Paraguai através de Mato Grosso, – recebendo a incumbência de redigir o Relatório Geral da Comissão de Engenheiros. Este trabalho consistiu, primeiro, em reunir as notas que os colegas lhe entregassem; depois ficou toda a redação a seu encargo. Os relatórios, que eram enviados semanalmente à corte, constituíram o ponto de partida para *La Retraite de Laguna*.

No conjunto da representação literária referente à Guerra do Paraguai, *La Retraite de Laguna* desperta grande interesse: versão oficial de um imenso fracasso tático, redigida em francês e publicada em 1871, no Rio de Janeiro, a obra pretende resgatar a imagem das forças de terra envolvendo-as, como na pintura de história, por uma aura de heroísmo e bravura.

Em *La Retraite de Laguna* Taunay descreve a organização e o movimento da força expedicionária em direção à fronteira norte do Paraguai e os subseqüentes trinta e cinco dias de horrores da retirada das terras invadidas.

Dos relatórios oficiais, a narrativa mantém a seqüência rigorosamente cronológica dos acontecimentos, desde a partida da colônia de Miranda a 1º de janeiro de 1867 até a ordem do dia 12 de junho do mesmo ano, anunciando o final da retirada.

À precisão do “relator-cronista-oficial” associam-se observações detalhadas do “cientista-viajante” “franco-brasileiro” acerca da topografia, da flora e da fauna das regiões percorridas. Neste sentido, Taunay recorda, nas *Memórias*, ter imaginado, por ocasião da chegada de sua companhia a São Paulo, descobrir pelo menos uma espécie vegetal ainda não estudada e classificá-la¹; já por ocasião de longa permanência no Coxim, herborizava por conta e risco, “sem método nem programa”²; e imaginava viajantes como Pohl, Spix, Martius, Saint-Hilaire, Agassiz, Burton e tantos outros nas dilatadas peregrinações pelo esplêndido Brasil. Seria conveniente recordar o modelo familiar: o tio Amado Adriano, no início do século XIX, havia participado de duas expedições científicas: uma viagem de circumnavegação ao mundo, na fragata *Urania*, sob o comando de Freycinet, na qualidade de desenhista; uma viagem pelo interior do Brasil, ao Mato Grosso regressando pelo Amazonas ao Pará, comandada pelo barão de Langsdorff, também na qualidade de desenhista. Amado Adriano morreu afogado no rio Guaporé em 1828.

Taunay relembra ainda, nas *Memórias*, ter realizado vários desenhos, em geral a lápis, alguns à pena e uma ou outra aquarela. Estes foram recolhidos em um álbum, *Viagem Pitoresca a Mato Grosso*. Grande parte deles foi destruída, ainda durante a guerra; alguns ilustram suas obras e o volume referente à América do Sul e ao Brasil do geógrafo francês Elysée Reclus.

Os pântanos de Mato Grosso, Taunay observa, não permitem certezas. As chuvas, os alagados, transformam os caminhos; no entanto, a respeito da vegetação destes mesmos pantanais ele informa, em carta redigida em francês e endereçada aos familiares, com data de 24 de fevereiro de 1966:

“Precisamos atravessar grandes campos inundados, onde os tremedais podem causar sérios embaraços. (...) Observei diversas flores dos Pantanais, muito belas, e tive mesmo o prazer de

¹ . p. 105 (sic)

² . p. 152 e 153

determinar-lhes a família e até o gênero. (...) Lindos cachos cor de rosa arroxeados onde cor solferina muito delicada, pelos seus estames didinâmicos e um disco hipogino da flor levaram-me imediatamente a colocar a plantas entre as escrofularíneas. (...)

Reconheci umas malpighiaceas, graças a cinco pares de glandes e os sépalos do cálice e pude distinguir *byrsonias* e *comarias* pelo número de estames e sua disposição.”³

Seguindo ainda as passadas dos cientistas-viajantes estrangeiros Taunay realizou observações etnográficas reunidas em *Entre nossos índios*; recolheu um *Vocabulário da Língua Guaná ou Chané* da qual organizou uma pequena gramática. Parte deste material também foi destruída durante a guerra.

Sem considerar-se entusiasta da vida selvagem, Taunay considera, na *Retraite de Laguna*, que, mesmo incivilizados, incultos e rudes, pelo menos por uma vez devem os índios guaicurús ter-se encantado diante de uma cena magestosa da natureza quando designaram a localidade Lauiad, em sua língua, Campo Belo. No entanto, descreve no mesmo texto, a pouca bravura dos índios em combate, e as terríveis mutilações impostas aos cadáveres paraguaios e a seus cavalos, bem como sua disposição ao saque.

O oficial-relator, cientista-viajante franco-brasileiro impregna a narrativa militar com sua ideologia.

Versão oficial da Campanha de Mato Grosso, a *Retraite de Laguna* apresenta a “gesta bellica” sob a ótica do comando; o narrador vai traçando através da sucessão dos generais-em-chefe e de “suas ordens do dia” ao “corpo” expedicionário, a história da expedição. As paragens do então distante e desconhecido Mato Grosso revelam, no entanto, belezas naturais cuja descrição demanda, na opinião do narrador, uma formação artística diferenciada, bem como uma sólida formação científica. Assim ele o afirma também nas *Memórias*:

³. Cartas da campanha de Mato Grosso, 1865-1866. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, s/d. Trad. Affonso d’Escragnolle Taunay.

“Com a educação artística que recebera de meu pai, acostumado a vê-lo extasiar-se diante dos esplendores da natureza brasileira era eu o único dentre os companheiros, e portanto de toda a força expedicionária, que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço...”⁴

Permeiam a *Retraite de Laguna* cenas de contemplação da natureza, de acentuado tom romântico. É o caso, por exemplo da descrição do percurso de Miranda a Nioaque:

“La route était large, côtoyant de magnifiques bouquets de bois, où dominaient les *umbús* embaumant l’air au loin du parfum de leurs fleurs épanouies, les piquis chargés de fruits, et les inépuisables *mangabiers*.

Les accidents du sol sont très beaux (...) Les regards n’avaient plus à se poser sur les tristes perspectives des marais: au contraire, ils se délectaient à contempler de verdoyantes prairies, des plans qui présentaient les plus poétiques contrastes sous les ombrages d’une colaration puissante.”⁵

À precisão do cientista, muitas vezes contrapõe-se o tom individualista e romântico em contundentes apreciações sobre a flora, sobre a topografia: a descrição do rio Apa parece exemplar:

“L’Apa sort par trois sources bientôt réunies, de la chaîne des monts Doirados, un peu au-dessous de la colonie militaire de ce nom, à douze lieues est-sud-est de celle de la Miranda, coule d’abord à l’ouest, dix degrés nord, jusqu’au fort de Bella Vista, qui est sous le 22^e parallèle, et de là, tournant à l’ouest, dix degrés sud, va, par un cours légèrement sinueux, baigner Saint-Marguerite, Rinconada et autres points fortifiés, jusqu’au Paraguay dans le lit duquel ses eaux se perdent.”⁶

Em sua “redação-tradução” francesa de acontecimentos vividos pelo autor no interior do Brasil e de indiscutível importância para sua História, Taunay lança mão de todo um vocabulário tomado às narrativas militares da época napoleônica, bem como de uma série de comparações com feitos de armas realizados pela Grande Armada. Já no prefácio, o episódio é igualado, entre outros, à terrível retirada de Moscou.

⁴ . p. 131

⁵ . p.14

⁶ . p. 60

Taunay faz referência à construção, pelos soldados, de casebres de palha, *gourbis*, como eram designados na Argélia; soldados doentes e feridos são transportados em redes ou *cacolets*, espécie de padiola usada pelos franceses no Egito. Os ataques surpreendentes dos soldados paraguaios assemelham-se aos dos cosacos durante a campanha da Rússia. Mesmo o guia sertanejo José Francisco Lopes pode ser reconhecido na figura de Olho de Falcão, personagem de romance de Fenimore Cooper:

“Ceux de nous qui se rappelaient les romans de Fenimore Cooper ne pouvaient, en présence du sertanéo brésilien, l’homme des solitudes, s’empêcher de penser à la grande et simple figure d’Oeil de Faucon dans *La Prairie*.”⁷

Em correspondência à irmã datada de março de 1867 Taunay já aludira à semelhança:

“Afigura-te, ou melhor lembra-te daquele célebre herói de Fenimore Cooper que conheça a fundo os desertos da América do Norte, tão especial no seu modo de viver, tão franco, tão verdadeiro, tão singelo e terá o nosso prático.”⁸

A *Retraite de Laguna* é relida na pós-modernidade por dois romancistas: Domingos Pellegrini e Deonísio da Silva.

Em 1992 Deonísio da Silva publica *Avante soldados: para trás* e Domingos Pellegrini, em 1996, *Questão de honra*. Ambos reapresentam, sob nova perspectiva, fundamentada, principalmente, na transformação do discurso oficial, o texto de Taunay.

Em *Avante soldados: para trás* verificamos um entrecruzar de narrativas e vozes que se alternam e que se sobrepõem. O ponto de partida é a expedição ao Mato Grosso e o episódio da retirada da Laguna. No entanto, os fatos “verdadeiros” são redimensionados, e outros, acrescentados.

⁷. p. 24

⁸. Cartas da Campanha de Mato grosso. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, s/d/ p. 218.

O título do capítulo 4 *Xerazade suspende a guerra* parece simbolizar o procedimento a ser adotado pelo autor: tudo são histórias, tudo é História. A fronteira entre real e imaginário, ordem e caos parece confundir-se em uma grande carnavalização.

Assim, da *Retraite de Laguna*, episódios como as desventuras do legendário frade italiano Mariano de Bagnaia, torturado pelo inimigo, são recolocadas: não poderia sua “lenda” ser diversa? Do labirinto da “desmemória” coletiva, aparecem, nos acampamentos em marcha, figuras como o cozinheiro judeu, o Padre Landell de Moura, inventor de vários aparelhos: o telauxíofone, o caleófono, o anamatófono, o telétiton e o edífono; do labirinto da memória das personagens surgem várias histórias: os amores de Camisão, as recordações dos soldados.

Deonísio da Silva divide o romance em duas partes, em conformidade com o título. Na primeira, retoma o avanço das tropas: “*Avante, soldados*”; na segunda, a retirada: “*Para trás*”. Em ambas reina absoluta a incerteza: incerteza com relação aos limites do Império, às escaramuças dos paraguaios, aos caminhos a percorrer. Incerteza principalmente com relação aos números: número de soldados, de mortos, de feridos, de inimigos, de aliados, de quilômetros a percorrer e de quilômetros percorridos. Afinal, para os expedicionários, “o Brasil é Paraguai, o Paraguai é Brasil, tudo está misturado, quem não vê?”⁹ Todos se parecem; distinguem-nos os uniformes.

Os soldados, cheios de superstição, lêem a natureza ao modo deles: desconfiam de tudo, mas acreditam em boitatá, mula-sem-cabeça, lobisomem, assombração de toda espécie, até mesmo nas amazonas paraguaias deslizando leves em seus cavalos, como centauros.

Na primeira parte de seu romance, Deonísio da Silva revê alguns episódios da guerra tomados a *Retraite de Laguna*, enfatizando o combates de Nhandipá. Na segunda,

⁹. São Paulo: Siciliano, 1999. p. 19.

retoma o problema do cólera e, principalmente a retirada, cuja escrita anuncia-se no capítulo 12, *Cólera que espuma e dor que mata*, e concretiza-se no capítulo 13, *Ditado*.

Taunay, o francês, transcreverá a fala do comandante, que conta a invasão do Paraguai, a fuga, o extravio da coluna, o fogo na macega, o cólera. A fala do comandante apresenta o relato do “não escrito oficial”:

... o comandante brasileiro, no caso eu, contava com três mil soldados, quatro batalhões de infantaria, regimento de cavalaria, quatro canhões e uma porrada de índios. (...) Urbietta contava com 800 cavaleiros bem treinados, infantes, canhões. E o cólera. Escreva que a doença foi o principal recurso estratégico dele. (...) Escreva que em todo lugar em que acampávamos, ficavam pelo menos 20 cadáveres. (...) Diga dos desertores. Escreva que soldado brasileiro, podendo fugia. Pois era escravo estava ali para morrer no lugar dos brancos. (...) Escreva que abandonamos 122 coléricos num bosque. (...) Escreva que o Imperador não gostou.”¹⁰

Esse mesmo relato parece responder a pergunta que já colocara o comandante: “Como se comportariam os generais europeus se lutassem aqui? Escreveriam do mesmo modo? Estilizariam a guerra?”¹¹

Em *Avante soldados: para trás*, o processo de desconstrução ao qual o autor submete a História acaba fazendo com que esta se equipare à ficção.

Domingos Pellegrini revisita a história da expedição ao Mato Grosso e da retirada da Laguna em romance editado em 1996: *Questão de honra*.

Trata-se aqui também do processo de reescritura das desventuras dos expedicionários por meio de uma versão não-oficial, a do tenente Rufino. Rufino, no final da vida, rememorando o passado teria ditado ao filho os episódios da campanha, retomando a narrativa de Taunay, mas alterando-lhe o ponto de vista. O filho, ao realizar a transcrição,

¹⁰ . São Paulo: Siciliano, 1999, p. 168.

¹¹ . p. 67

apresenta-nos na Introdução e em notas de pé de página, o pai narrador. A narrativa do pai transcrita pelo filho constitui o texto de Domingos Pellegrini.

Classificada pela crítica como novela intertextual, nela o autor retoma trechos inteiros do texto de Taunay inserindo-os em um novo corpus e provocando portanto deslocamentos de opinião e mudanças de perspectiva. Do discurso oficial passamos ao discurso individualizado, representado pelo emprego do pronome de primeira pessoa do plural. “Nós” opõe-se a “outros”: aos Superiores, aos inimigos.

Raramente estamos, em *Questão de Honra*, diante de heróis e de atos de bravura; ninguém é poupado – pela natureza, pelo inimigo, pelo comando, pela própria consciência. Tudo leva à destruição. Não encontramos paragens amenas, nem situações aceitáveis: a própria natureza associa-se à ignorância do Homem colaborando para sua miséria e destruição.

Em seu relato paralelo, o tenente Rufino contesta a versão oficial de Taunay desmitificando e popularizando a escrita.

Opõe, por exemplo sua descrição do guia Lopes àquela apresentada por Taunay: “O guia Lopes, magro e curvado feito um quixote com suas perneira e colete de couro, de novo entrou no acampamento com uma boiada, os peões gritando e os soldados urrando.”¹²

O tenente Rufino narra o avesso do texto de Taunay: se este constitui a versão oficial dos eventos, o discurso de Rufino revela o “não escrito”, desvendando o que a História esconde, isto é, os atos, e opiniões dos indivíduos que a fazem.

Ao questionar os feitos consagrados pela História Oficial, Deonísio da Silva e Domingos Pellegrini estabelecem uma relação dialógica com a *Retraite de Laguna*: seus textos subvertem o de Taunay e, a tendência, em ambos, de afastar os limites entre o histórico

¹² . Rio e Janeiro: Moderna, 1999. p. 42.

e o fictício, entre o real e o imaginário colocam-nos em certo processo revisionista, característico da pós-modernidade.

BIBLIOGRAFIA

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *La Tretraite de Laguna*. Tours: E. Arrault, 1913.

____. *Cartas da campanha de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, s/d.

____. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

SILVA, Deonísio. *Avante soldados: para trás*. São Paulo: Siciliano, 1999.

PELLEGRINI, Domingos. *Questão de honra*. São Paulo: Moderna, 1999.